



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS
PLANO DE AÇÕES ARTICULADAS FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO
BÁSICA- PARFOR
CURSO DE LICENCIATURA PLENA PEDAGOGIA

SAMUEL REIS DE SOUZA

HISTÓRIA DE VIDA E FORMAÇÃO: memórias de um professor

MUANÁ
2019

SAMUEL REIS DE SOUZA

HISTÓRIA DE VIDA E FORMAÇÃO: memórias de um professor

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Estado do Pará – UFPA, através do Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica - PARFOR como requisito para obtenção de grau em Licenciado em Pedagogia.

Sob orientação da Prof.^a Msc. Lídia Sarges Lobato

MUANÁ
2019

SAMUEL REIS DE SOUZA

HISTÓRIA DE VIDA E FORMAÇÃO: memórias de um professor

Trabalho de Conclusão de Curso orientado pela profa. Lídia Sarges Lobato, apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, do Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR, da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção de grau em Licenciado Pleno em Pedagogia.

Data da aprovação: 09/08/2019

BANCA EXAMINADORA

Profa. MSc. Lídia Sarges Lobato
Orientadora - UFPA

Profa. MSc. Juliana Azevedo Hamoy
Examinadora - UFPA

Prof. João Antônio Fonseca Lacerda Lima
Examinador - UFPA

Dedico este trabalho à minha família Reis, em especial ao meu pai e a minha mãe, que tanto lutaram para realização deste sonho. Aos meus irmãos que me apoiaram, a minha filha Sofia e minha esposa, à minha avó e ao meu avô, e também a minha professora dos anos iniciais.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus pela oportunidade de realizar este sonho, força e coragem para superar todos os obstáculos que apareceram durante a trajetória de vida, de formação docente e não ter desistido, porque Deus é maravilhoso.

Aos meus pais, exemplos de pessoas, tudo que sou hoje representa o empenho de cada um, e força de nunca desistir. Não me deram apenas a vida, mas ensinaram tudo que sei. Vestiram-me, deram de comer e educaram. Estiveram presente em todos os momentos. Nos bons e nos maus, são meu alicerce. Mas agora entendo tudo e agradeço seu amor, a dedicação, seus corações grandes de pais.

Agradeço a minha orientadora, Prof.^a MSc. Lídia Sarges Lobato, que proporcionou um mundo de pesquisa, onde nunca pensei que iria fazer parte dele, ela ensinou-me tantas coisas que jamais posso esquecer, é incrível a sua inteligência e o modo de explicar. Agradeço por ter proporcionado em suas reuniões de orientações gargalhadas que fizeram me encontrar na pesquisa e também pelas exigências e conselhos que sempre buscava incentivar, mesmo quando estávamos tristes, desanimados, sem vontade de continuar o trabalho.

Ao coordenador Daniel Sidônio, que tanto se empenhou em nos ajudar para que tivéssemos resultados positivos e uma relação agradável com os demais colegas.

De modo geral, agradeço a todos os professores do Curso de Pedagogia, que compartilharam seus conhecimentos no decorrer da formação acadêmica. Pois, todos deixaram as suas contribuições e isso fez-me amadurecer e ter novas visões de como trilhar os caminhos da educação.

A todos os meus amigos que conheci nesse curso, agradeço à Deus por ter colocado em meu caminho grandes amizades, para a vida toda, pois as amizades continuam, vocês foram excelentes aprendi muito com cada um de vocês.

Agradeço a minha tia pelos incentivos e pelo convite feito para entrar na docência, e por ter contribuído significativamente com este trabalho.

Lembrar não é reviver, mas refazer, repensar,
com imagens e ideias de hoje, as experiências
do passado.

Ecléa Bosi

RESUMO

O presente memorial é fruto de minha história de vida, um retorno ao passado na busca por memórias sentidas e vividas, atravessada pela infância, pelo processo de formação e da docência que constituíram como *professor*. Teve como objetivo fazer um estudo da trajetória de vida, buscando interpretar memórias que foram relevantes no processo de formação docente. A metodologia escolhida foi a história de vida, que se constitui como um movimento, dando sentido à vida e a sua historicidade (Bragança, 2012). Como referencial teórico acionei Le Goff (1990), Candau (2012), António Nóvoa (1992, 1999) e Souza (2014). A história de vida, ajudou-me a refletir sobre a profissão, ser professor, revelando a desvalorização, acompanhada com grandes dificuldades cotidianas, que acontecem nas idas e voltas na escola. Com este estudo pude revisitar as minhas memórias e lembranças que foram importantes na minha trajetória de vida. Por fim, vejo que todo o professor deveria revisitar seu passado e escrever suas memórias, suas histórias de vida, fazendo uma reflexão das narrativas, refletindo nas práticas de ensino, na educação.

Palavras-chave: História de vida. Memórias. Formação docente.

ABSTRACT

The present memorial is the result of my life history, a return to the past in the search for felt and lived memories, crossed by childhood, the process of formation and teaching that constituted as a teacher. It aimed to make a study of the life trajectory, seeking to interpret memories that were relevant in the process of teacher training. The chosen methodology was the history of life, which constitutes a movement, giving meaning to life and its historicity (Bragança, 2012). As a theoretical reference I have applied Le Goff (1990), Candau (2012), António Nóvoa (1992, 1999) and Souza (2014). The life story, helped me to reflect on the profession, to be a teacher, revealing the devaluation, accompanied with great daily difficulties, that happen in the back and forth at school. With this study I was able to return to the past, to revisit my memories and memories that were important in my life trajectory. Finally, I see that every teacher should revisit his past and write his memoirs, his life stories, reflecting on the narratives, reflecting his stories and teaching practices in education.

Keywords: Life history. Memoirs. Teacher training.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Professor	27
Figura 2: Empurrando a rabeta a caminho da escola.....	34
Figura 3: Desafios enfrentados pelo professor, da sala de aula à merenda escolar.....	35
Figura 4: Idas e vindas de um professor	36

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA COM LAMPEJOS NO PRESENTE	16
2.1 A importância da história de vida	16
2.2 Memória.....	20
3 AS TESSITURAS DA TRAJETÓRIA DE VIDA: MEMÓRIAS DE UM PROFESSOR	24
3.1 Infância e processo de formação	24
3.2 Ingresso na docência, um convite	27
3.3 Processo de formação profissional: em busca do saber	28
4 OS DESAFIOS DA PROFISSÃO: SER PROFESSOR	32
4.1 Desafios enfrentados na profissão	34
4.2 Surgimento de novas oportunidades.....	37
5 CONCLUSÃO.....	39
REFERÊNCIAS.....	40

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo é um memorial realizado no curso de pedagogia no Polo de Muaná, trata-se da história de vida, das memórias de si, de um professor em formação. É um retorno ao passado na busca por memórias vividas, sentidas, nos encontros e acontecimentos que constituíram o “professor, Eu”. Tendo como objetivo fazer um estudo da trajetória de vida, buscando interpretar as memórias que foram relevantes no processo de formação do ser e docente.

O método da pesquisa ancorou-se na história de vida e relatos da minha infância, dos meus pais, professora, minha tia que fizeram parte de minha carreira estudantil enquanto aluno dos anos iniciais, e demonstrar as dificuldades ocorridas nos percursos das caminhadas enfrentadas nas escolas que já lecionei. O problema de pesquisa foi: Quais as memórias, encontros e experiências, constituíram a trajetória de vida de um professor em formação? E quais os desafios enfrentados nessa trajetória de vida e formação docente?

Para atingir o objetivo deste trabalho foram criados três objetivos específicos: 1) Compreender a importância da história de vida, relacionando com a memória e formação de professores; 2) Interpretar as memórias que foram significativas na história de vida do professor e 3) Refletir sobre ser professor, em meio aos desafios enfrentados na profissão.

A escolha por esta abordagem seguiu em direção a todas as dificuldades encontradas no que se refere à minha trajetória, que perpassaram a infância à docência, uma história de vida movida e construída de muitas lutas e superações. Exercitar a memória, acessá-las de certa maneira acaba sendo uma viagem no interior de si, com sensações outras, doces e amargas, muitas vezes revelando um passado que outrora queremos esquecer, mas que pode ser um olhar para si, para o Eu que habita um corpo em formação.

Assim, este trabalho assume grande relevância em minha formação e no decorrer dessa jornada aprendi muito com os alunos e também compartilhei aquilo que aprendi durante a minha carreira de estudante. Foi uma partilha de conhecimentos, uma troca onde ambos saíram satisfeitos, apesar das inúmeras dificuldades encontradas, mas tudo isso, contribuiu significativamente para a minha formação. Valeu esse esforço! Por isso estou aqui. São esses os motivos que justificam a necessidade de realização deste trabalho, que permitirá compreendermos melhor a trajetória profissional, além de contribuir para educação no município de Muaná.

Nossa cidade sofre uma carência de profissionais com vontade de contribuir com a educação, existem inúmeros profissionais que estão inseridos no campo da docência só pelo seu salário e isso me dói de ver, quero que todos os profissionais tenham amor pela profissão. Ressalto que a pesquisa em questão poderá contribuir com município tanto no campo educacional quanto no meio social. De fato, a universidade foi de muita relevância, no que diz respeito ao olhar crítico perante a sociedade e além do amor à profissão.

As contribuições das diversas disciplinas, contribuíram com a ‘transformação de si’ Josso (2007). Tanto psicológica, emocionais, como o acesso à novos conhecimentos. Colaborando com a sociedade e com a minha formação educacional. Gostaria de destacar, que o ato de escrever, rememorar a própria história de vida, de formação e docência de um professor é de grande valia, pois, poderá vir a contribuir significativamente com o campo educacional, em outras palavras, com a educação brasileira e de qualidade. Contudo, necessita manifestar e contar as inúmeras histórias de professores e professoras espalhadas pelo país, histórias que possui uma vivacidade, narrativas vivas, que refletem sentimentos de alegrias, superações e amor à profissão.

Nesse sentido, Bragança (2012, p. 49) afirma que:

A história de vida manifesta-se como movimento propriamente humano de dar sentido à vida e à sua historicidade. Constitui um enfoque teórico-metodológico que, rompendo com o paradigma lógico-formal, focaliza a vida, em suas tramas individuais e coletivas, como um locus privilegiados de compreensão dos processos sociais e históricos. Nesse sentido, não se reduz a uma técnica de recolha de dados ou de informações, mas também não se afirma como uma teoria ou ciência isolada, colocando-se, por sua natureza, na mediação entre a prática da investigação e a construção de conhecimentos, em uma abordagem multirreferencial que vai possibilitando a inteligibilidade dos processos humanos.

Seguindo o pensamento de Bragança, a história de vida, dos seres humanos, estar entrelaçadas em meio as tramas de um processo social e histórico. Cada um possui seu conhecimento não em um mundo isolado, mas coletivo no processo formal dos indivíduos. Nesse caso, o ser humano pode ser objeto de pesquisa e todos tem um conhecimento formal, por isso temos o dever de respeitar todos os tipos de saberes, tanto científico como cultural. Vale ressaltar que os indivíduos possuem diferentes culturas no âmbito social e, portanto, devemos saciá-las com o respeito que merecem.

O olhar para a literatura também nos coloca frente a um amplo espectro metodológico. As histórias de vida, no campo educativo, desdobram-se e fertilizam práticas de

formação e investigação. Buscamos, assim, a compreensão dos movimentos desse campo, de suas principais tendências e sinalizações (BRAGANÇA 2012, p.76).

A autora embasa muito sobre a história de vida na área da educação, procura enfatizar a importância da investigação como metodologia para proporcionar uma boa pesquisa. Isso demonstra a significância que existe nesse campo vasto que são as nossas vivências no decorrer de todo um caminho trilhado por um indivíduo, ou seja, uma trajetória de vida que tem como objetivo fazer o registro de suas lembranças e ficar marcado para as futuras gerações.

De acordo com Bragança (2012), a formação está relacionada com um movimento interior de transformação, ou seja, uma experiência de conhecimento, onde temos o sujeito frente à vida. Os conceitos de educação e formação, apontam para uma discussão sobre os conhecimentos que a história de vida oferece na existência humana, como ferramenta com bastante significância para a transformação das experiências em saberes, para a sua prática profissional, pois, são essas tessituras que levam o sujeito a organizar as suas lembranças em objetos de conhecimento, repassando para a sociedade os seus ensinamentos de vida. Mas para isso o indivíduo tem que se atentar-se ao retorno ao passado, ou seja, precisa reorganizar suas memórias, descrever as lembranças vividas.

O particular e as dobras do cotidiano saem do lugar de sombra e assumem a cena como sujeitos da investigação. Aqui, a literatura destaca de maneira enfática a possibilidade de escuta das vozes silenciadas, em que investigadores e sujeitos da pesquisa têm o lugar da fala e, em alguns casos, o da interpretação. Nesse caminho dialógico de relação com o mundo e com a ciência, surge um conhecimento mais reflexivo e crítico, aliando o senso comum ao conhecimento científico. Entretanto, além da ruptura epistemológica, encontramos nas histórias de vida um sentido ontológico de reencontro do homem consigo mesmo, com as pessoas, com o mundo (BRAGANÇA 2012, p.85).

O sujeito como objeto da investigação, nesse caso o próprio sujeito que vai descrever a sua história, reencontra-se no seu passado. Noutras palavras, existem pessoas que assume numa identidade bastante silenciosa. Porém, quando um indivíduo dessa natureza se aponta para descrever ou se transforma em objeto da investigação, essa voz que está sendo silenciada se transforma para o mundo um conhecimento científico que surge das ciências humanas.

Particularmente, quando optei por fazer um memorial, imaginei que era só descrever o meu passado, pois já tinha participado de uma disciplina, onde pude ter a oportunidade de descrever parte de minha história de vida. Portanto, pensei que seria fácil sem muitas dificuldades em rememorar meu passado. Logo que algumas pessoas me orientaram, dizendo

que memorial não era tarefa fácil, mas pensei que era só conversa, e com isso me distrair para a situação.

Hoje, vejo o memorial não com os mesmos olhares, porque digo que me enganei, há bastante trabalho e gera um acervo de pesquisa e leitura, pesquisas essas que se tratam de um desdobramento de nossas atividades para suprir os anseios da memória. Porque temos de relacionar a vida familiar, escola e sociedade num intervalo de tempo, coisas que eu achava que não faziam parte do memorial e agora descobri que falar de nossas histórias, vindo do nosso interior, é ter um pensamento um pouco embaralhado, porque nem sempre conseguimos lembrar o suficiente para descrever os acontecimentos necessário para um memorial.

Mas aqui ressalto que a escolha por essa pesquisa, em formato de história de vida me proporcionou e enriqueceu com um vasto conhecimento por meio dos autores em que utilizei, encontrei bastante dificuldade na compreensão de alguns textos, mas é isso mesmo, a pesquisa requer uma certa investigação do indivíduo perante a temática para que se construa um bom trabalho.

Segundo Bragança (2012, p. 84)

As histórias de vida se inserem, como vimos, num contexto epistemológico referido à busca de uma análise complexa dos fenômenos sociais e humanos, uma análise que incorpora a subjetividade individual e coletiva. O trabalho com essa abordagem, no campo da investigação e da prática de formação de professores, focaliza a narrativa do sujeito, possibilitando aflorar a voz dos/as professores/as, sua linguagem e suas práticas socialmente construídas na docência. O/A professor/a deixa de ser objeto para ser sujeito da pesquisa e coloca-se como autor que ressignifica sua trajetória ao longo do processo de investigação.

A sinalização para a história de vida citada pela autora, busca sempre os fenômenos sociais, ou seja, os acontecimentos marcados por uma trajetória de vida. O professor não pode construir memórias só dele, porque ele vive em uma coletividade e nesse caso o mesmo torna-se envolvido com os outros seres, que tecem sua história de acordo com o outro que está a sua volta. Assim, crio um espaço, na tentativa de ampliar cada vez mais a discussão sobre a importância em se fazer um memorial, que no meu entendimento proporciona o repensar, rememorar o passado.

O Memorial é uma retomada articulada e intencionalizada dos dados Curri-culum Vitae do estudioso, no qual sua trajetória acadêmico-profissional fora montada e documentada, com base em informações objetiva e laconicamente elencadas. É claro que tal registro é também muito importante e suficiente para muitas finalidades de sua

vida profissional. Mas o Memorial é muito mais relevante quando se trata de ter uma percepção mais qualitativa do significado dessa vida, não só por terceiros, responsáveis por alguma avaliação e escolha, mas sobretudo pelo próprio autor. Com efeito, o Memorial tem uma finalidade intrínseca que é a de inserir o projeto de trabalho que o motivou no projeto pessoal mais amplo do estudioso. Objetiva assim explicitar a intencionalidade que perpassa e norteia esses projetos (SEVERINO, 1997, p. 1).

De acordo com Severino o memorial é uma retomada no passado de muitos estudiosos no que se refere a trajetória acadêmica profissional, onde o indivíduo vai em busca de relatos e da memória que nortearam a vida tanto familiar quanto no meio social. Todavia, na construção do memorial, utilizamos técnicas, com outras palavras, ferramentas, a fim de auxiliar na produção de informações, neste caso, fiz uso da entrevista semiestruturada.

A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social (MARCONI e LAKATOS, 1996: 84 apud NASCIMENTO, 2008, p. 28).

As minhas entrevistas foram certamente semiestruturada, e teve como intuito me subsidiar em meio as conversações com os meus pais, a minha professora dos anos iniciais e a minha tia, que foi um marco fundamental na entrada da docência. Além das entrevistas com um roteiro pré elaborado, contei com o apoio da tecnologia, onde pude fazer gravações via celular, e só depois as falas dos entrevistados foram digitalizadas.

Esse texto está organizado em seções: a primeira seção trata da história de vida e memória: com lampejos no presente, abordando os conceitos de memória e história, trazido por vários autores. Com a ida e volta ao passado tentando mostrar a importância da memória para a nossa vida. Já na segunda seção apresento as tessituras da trajetória de vida: memórias de um professor, refletindo a infância em desenvolvimento de formação educacional e social, o processo profissional no município de Muaná. E por fim, finalizo com a terceira seção que relata, os desafios da profissão: *ser professor*, no contexto de inúmeros desafios enfrentados durante toda a trajetória enquanto docente e também o surgimento de novas oportunidades que fizeram e fazem parte dessa trajetória.

2 HISTÓRIA DE VIDA E MEMÓRIA COM LAMPEJOS NO PRESENTE

Quando olho para trás vejo que era feliz e não sabia, não sabia aproveitar a melhor fase da vida, e se pudesse voltar atrás, teria aproveitado melhor cada momento; pois sei que o tempo não volta e o que basta agora é viver cada momento da melhor forma possível. Hoje, lembro os melhores momentos, o tempo com a família ao redor da mesa, nossas conversas, as histórias e estórias que papai contava; todos os seus atos simples e de bondade. Tudo isso, fazia parte da vida digna de ser vivida. Alguns detalhes poderão não estar muito preciso, mas estão narrados da maneira que posso lembrá-los. Os anos da infância foram felizes (Samuel, abril, 2019).

Início a presente seção com *'lampejos'*, como diria Bragança (2012), lampejos das lembranças da minha infância que estão gravadas em minha memória, buscando trazer conceitos de história de vida e suas contribuições de se ter e contar suas vivências ao longo de toda uma trajetória de vida, além da memória para uma melhor compreensão da importância de se registrar seus efeitos no âmbito social, pois muitas pessoas por motivos de ter perdido suas memórias, ficam no esquecimento, para muitas pessoas, por não terem registrado suas histórias de vida, mas a memória não é somente individual mais sim coletivas, se dá por meio de uma coletividade das tramas na sociedade.

2.1 A importância da História de Vida

Às vezes eu fico lembrando das minhas travessuras e dá vontade de rir, principalmente daquelas que marcaram minha vida. Sinto saudades do tempo que tudo era brincadeira; daquele tempo em que eu não precisava preocupar-me com nada; do tempo em que antes de dormir rezava para o "Anjinho da Guarda" me cuidar, do tempo em que eu tinha medo dos mortos e do escuro; saudades do tempo em que eu adorava tocar violão (Samuel, abril, 2019).

A história é importante para contar, narrar os fatos ou acontecimentos que houveram no passado e no presente, bem como, as que marcaram as vidas das pessoas. Na verdade, cada indivíduo tem sua própria história e uns pretendem esquecê-las enquanto outros querem guardá-las, preservá-las, eternizar, isso depende muito de cada um.

Para o âmbito social, a história tem caráter de grande relevância principalmente de contar e escrever uma narrativa histórica. Muitas vezes, pessoas com histórias tão bonitas acabam perdendo as ricas lembranças, outros perdem por motivo de doenças, porém as memórias e histórias coletivas ficam pelo simples fato de serem tecidas na coletividade.

No século XIX o conceito de historicidade desligou-se de suas origens históricas com intuito de desempenhar um papel de primeiro plano, já na metade do século XX com vista a revolução epistemológica. Influenciando a própria história numa perspectiva histórica (Le Goff 1990). A história é significativa no que se refere em construir a própria história dos seres humanos em sociedade.

A trajetória de vida é marcada por fatos que contribuíram ou deixaram de contribuir, que são experiências que aconteceram ao decorrer de todo o processo da vida anterior. Esse percurso continua em construção devido nosso cérebro ser comparado a uma máquina que armazena o que foi significativo e deleta o que não foi atraente. Quando o indivíduo pensa que já esqueceu, basta ver algo que tenha haver, que ele lembra.

Nós seres humanos realizamos diferentes atividades históricas que são os acontecimentos que fazemos e presenciamos no próprio dia-a-dia. Isto fica em nossa recordação que pode ser dito ou narrado pelos indivíduos. Neste sentido, as tessituras existentes proporcionam memórias que aconteceram no mundo e que marcaram as várias gerações repercutindo na atualidade, que influenciam e intrigam as nossas mentes.

De acordo com Bragança (2012) o olhar sobre as contribuições da história nos leva a essa tessitura comum, com investigações peculiares, sinalizando o caminho de suas especificidades, ou seja, cada indivíduo constrói sua própria história, o mesmo é livre para escolher seu destino, porque nossa vida é feita de escolhas. Portanto, nós vivemos em coletivo, mas, cada um segue os caminhos diferentes, devido aos pensamentos diferenciados.

Escrever a trajetória de vida como sujeito existente, define a história de vida como narrativa no processo da escrita pelo ser humano. Estabelecendo um retorno ao passado para resgatar as memórias que foram marcantes, entretanto, há outros que não querem lembrar, pelo fato do seu passado ter sido difícil. Mas relatar as experiências dos períodos de sua vida num mundo global, reforça o valor de se ter uma história.

Nesse sentido Le Goff (1990, p. 07) argumenta:

[...] que relações tem a história com o tempo, com a duração, tanto com o tempo "natural" e cíclico do clima e das estações quanto com o tempo vivido e naturalmente registrado dos indivíduos e das sociedades? Por um lado, para domesticar o tempo natural, as diversas sociedades e culturas inventaram um instrumento fundamental, que é também um dado essencial da história: o calendário; por outro lado, hoje os historiadores se interessam cada vez mais pelas relações entre história e memória.

O autor acima destaca as relações da história com clima das estações, do tempo que todas as pessoas têm seu período de vida natural, ou seja, já é de natureza cada um tecer sua própria vida histórica, o mesmo demonstra uma sociedade com costumes diferenciados onde cada um tem a liberdade de se fazer e construir uma verdadeira história. Assim, como na narrativa que se segue.

No inverno as coisas ficavam mais difíceis, dias e noites chovendo [...] com ou sem chuva [papai] ia trabalhar para garantir o nosso sustento. No final do dia cansado, depois do jantar fazíamos um momento de oração em seguida ficávamos embaixo das redes do papai e da mamãe para ouvirmos uma história. Ele contava todas as noites, era um momento muito gostoso! Ríamos à beça (Samuel, abril, 2019).

Na narrativa acima os climas das estações são representados, como um marcador, no tempo em uma vida natural, cultural, estabelecendo uma relação entre história e memória. Para identificar o tempo e registrar os períodos Le Goff traz o calendário que serve como referência para marcar as datas, trazendo à tona fatos que foram alegres e tristes, só veremos isso porque alguém registrou esses fatos no passado, porém, hoje são expostos e disponibilizados, e agora é a nossa vez de deixar as contribuições para a sociedade e para o mundo.

Possibilitando um conhecimento muito vasto sobre o passado que servirá de referência às gerações futuras, para entender melhor as evoluções que vem acontecendo ao decorrer dos tempos. Suas lembranças quando são escritas ficam marcadas, eternizadas no tempo onde qualquer pessoa pode acessar. Portanto, a história possui uma riqueza de informações, conhecimentos outros, que nos ajudam a compreendermos melhor o contexto em que vivemos, aprendemos com ela muitas coisas que sevem para nós cada vez mais conhecer as realidades dos povos antigos que fizeram parte dessa história.

Para Le Goff (1990) a palavra história vem do grego, *histor* que significa testemunha, no sentido daquele que ver e também aquele que sabe, e *historie* significa pois, procurar. Assim temos como testemunha a visão daquele que ver um acontecimento que de fato aconteceu, por isso, histórico significa procurar, no sentido da investigação. Nossos conhecimentos e experiências que construímos ao longo dos caminhos trilhados e dos períodos vividos, nos marcam.

Bragança (2012, p. 66) diz que as “[...] experiências que se tornam significativas e formativas é necessariamente coletiva. Elas vêm de um investimento social, no caso do processo escolar, ou das tramas, dos encontros e desencontros que temos com os outros e com o meio, ao longo da vida”. As experiências são capazes de nos surpreender com sua

potencialidade que ocorreram em lugares que foram significantes com relação ao trabalho, em uma brincadeira ou até mesmo no espaço escolar.

O exercício de rememorar o passado, afim de compreender as memórias vividas, ajuda-nos a melhorar o nosso presente. Nesse contexto, o indivíduo procura reorganizar, repensar e internalizar os acontecimentos que foram expressivos em sua trajetória, querendo assim, recuperar algo marcante que foi importante para a sua vida. Vale a pena ressaltar que a memória vem em momentos em que menos esperamos, por meio de alguns eventos semelhantes e vivenciado naquele momento, e nesse instante o sujeito ver que as lembranças ficam internalizadas em nosso cérebro. Para recuperar essas recordações não precisa de um lugar certo ou ideal, mas sim estar acordado, vivendo em uma coletividade social, ou em horas de repouso em busca de recordações do passado.

Assim, a reflexão é uma travessia fundamental para as histórias de vida no campo da formação, é um olhar para dentro, um revisitar da vida em suas múltiplas relações, tanto para análise dos percursos pessoais como profissionais. Trata-se da reflexividade crítica, como autoanálise que repercute na compreensão das concepções que temos, das influências que sofremos, podendo, nesse sentido, ser geradora de conscientização, de um ressignificar do vivido. Na formação de professores, esse ressignificar assume um carácter emancipatório, articulando dimensões ontológicas, pedagógicas e políticas, ou seja, um carácter instituinte de formas pessoais, profissionais e sociais de estar no mundo e com as pessoas (BRAGANÇA, 2012, p. 89).

Para rememorar o passado devemos sim, fazermos nossas reflexões, da forma individual ou coletiva. Recordar essas travessias para reorganizar nossa formação tanto familiar quanto profissional, revisitando nosso interior e analisamos os fatos vividos, para poder melhor compreender a vida e reorganizar melhor o futuro. Assim, perpassando pelo presente com retorno ao passado, sempre em busca de auto formação, haja vista, que o passado é uma das principais ferramentas fundamentais para tirar lições de vida.

Hoje não tem mais com muita frequência aquele velho costume de antigamente, aquele de conversar, dialogar, quando as pessoas não tinham meios de comunicação na zona rural como agora, isso acontecia bastante, no entanto, com as invenções de novos aparelhos os modos de vidas foram se modernizando, e parece que o tempo passa mais depressa devido ao uso diretamente desses objetos.

Num tempo veloz e fugaz, em que a alienação, o isolamento e o silenciamento das experiências nos forçam a perder nossa memória coletiva, rememorar e compartilhar memórias é uma *ação rebelde* que adquire um carácter de resistência política; a

memória compartilhada é uma forma de não sucumbir ao esquecimento que o tempo acelerado da vida social nos impõe (PÉREZ, 2003, apud BRAGANÇA, 2012, p. 90).

O tempo, com sua velocidade e as maneiras de isolamento dos indivíduos nos alerta, para as pessoas que são alienadas ou silenciadas a viverem em uma coletividade para que não se perca as ricas memórias que existe em cada mente e que haja um compartilhamento para que as memórias sejam lembradas. Desse modo, o caráter político define em sucumbir essas memórias em esquecimento porque para eles nós devemos aceitar, ou suportar todas as dificuldades que fazem conosco. Para isso, não restam dúvidas temos muito que nos unir para lutar por nossos direitos de igualdade, dessa forma teremos um Brasil cada vez melhor.

2.2 Memória

Memória é tudo aquilo que nós lembramos que aconteceu no passado. Nós seres humanos somos frágeis, por isso esquecemos coisas com facilidade, pois só fica guardado em nossa mente o que é interessante para nós, aquilo que é bom, ou ruim. Isso a gente jamais esquece, perpetua por vários anos. A memória não é só ver um retrato, mas sim rememorar as lembranças que aconteceram no passado.

De acordo, com Joel Candau (2012, p. 846):

Temos uma memória dos rostos, uma memória espacial, uma memória das formas, uma memória motora, uma memória das regras abstratas, etc. e todas mobilizam diferentes regiões cerebrais. Cada uma de nossas memórias sensoriais (auditiva, visual, gustativa, olfativa, tátil) é, por si mesma, plural. [...]. Existe certo número de categorias científicas relativamente consensuais da memória denotando a pluralidade de nossas funções e aptidões memoriais.

A memória pode ser lembrada de fatos que marcaram a nossa vida junto com a família, no ambiente escolar e social. A memória pode ser resgatada de várias maneiras: gostos, cheiros de alimentos que simplesmente quando passamos nas casas dos vizinhos sabemos detectar e de sons que ficaram perpetuando nossa vida, e também com o contato de algo que faz lembrar o que aconteceu no passado. Como as memórias de minha mãe, do tempo da roça, conciliávamos a escola e o trabalho, no sustento da família.

Quando nós ia pra roça plantar levava tudo a galera, a Nazaré era a mais velha tomava conta dos menores, levava rede, quando era na hora o Samuel queria tirar comida de dentro da panela se queimou toda a barriga e pensa numa travanca pra nós voltar da roça que era mais de meia hora pra chegar na beira, quando vocês cresceram eu e teu pai levava as roupas de vocês pro trabalho, quando vocês saíam da aula iam direto pro trabalho para ajudar nós, quando não tinha comida vocês saíam da escola e iam direto pro igarapé gapuiar¹ (Lindalva/Mãe, abril, 2019).

As vivências ocorridas no mundo anterior, são memórias que ficam marcada por algum tempo, muitas vezes para toda vida. Essas lembranças serão fatos relevantes para serem contados no presente e futuro, pois cada um tem suas recordações. Por isso nós seres humanos devemos guardá-las, para que não se percam e que sejam memórias conservadas, além de tudo, todas essas memórias são importantes para a sociedade e para o meio cultural.

São exatamente essas frestas deixadas pela memória que a caracterizam: “A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivo no eterno presente [...] Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, cenas, censura ou projeções” (NORA, 1993, p. 9 apud, SOUZA, 2014).

Presente na vida de cada indivíduo a memória, além de fazer parte do cotidiano, é um dos elementos fundamentais para nós realizarmos as atividades, ou seja, sem as memórias ficaríamos perdidos em nossas tarefas, porém, com a mesma tudo fica mais fácil, para administrar os trabalhos, e também a vida de modo geral.

A memória, então, traz para o momento presente as experiências passadas, gerando a sensação ilusória de que é possível recordar o que passou, tornando o passado uma presença acessível. Essa é a impressão transmitida pela lembrança e, a partir disso, a memória atua como fonte de referentes identitários, pois “pela retrospectão o homem aprende a suportar a duração: juntando os pedaços do que foi uma nova imagem que poderá talvez ajudá-lo a encarar a vida presente” (CANDAU, 2012, p. 15).

Em alguns momentos a memória ilude e confunde a nossa mente, transformando a vida em uma ilusão que não podemos voltar atrás e isso faz com que o presente se torne em uma identidade do passado e esqueça o atual presente, querendo assim ir em busca do que ficou para traz, das lembranças que ficaram acumulada até então. Isso são os pedaços, que muitas das vezes queremos recolher, mas não podemos esquecer do presente. Sabemos que a vida continua,

¹ Gapuiar é retirar a água de uma lagoa, para deixar o peixe em seco.

portanto, não temos de se prender só no passado, e sim, rememorar, relembrar, com os pés no presente.

Nesse sentido, Le Goff (1990, p. 13) considera que “a oposição passado/presente é essencial na aquisição da consciência do tempo”. E o mesmo se verifica com relação à memória, vez que ela pressupõe um passado, que só é possível na medida em que existe o passado ou presente, ou seja, que só existe para os seres conscientes do tempo, capazes de compreender o tempo e seu decurso. Deste modo, o autor considera que um indivíduo só pode ter memória se já tiver tido uma convivência no passado e o mesmo esteja consciente, mas que o passado está sempre acompanhando o presente por meio das lembranças marcadas por épocas ou ocasiões.

Ao enfatizar a memória como informações próprias, cada pessoa atualiza-se de suas memórias, esses acontecimentos servem como exemplos para seu futuro. Já para um professor, a mesma é essencial na vida escolar. Pois serve para reavaliar a sua prática e o desenvolvimento dos alunos no ambiente escolar.

Conforme Le Goff (1990, p. 426):

Finalmente, os psicanalistas e os psicólogos insistiram, quer a propósito da recordação, quer a propósito do esquecimento [...], nas manipulações conscientes ou inconscientes que o interesse, a afetividade, o desejo, a inibição, a censura exerce sobre a memória individual. Do mesmo modo, a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva.

De acordo com o autor, ele aponta os psicanalistas e os psicólogos, com o propósito de recordação e esquecimento e aborda também a manipulação da consciência que os poderosos utilizam contra a classe mais pobre, provocando a inibição sobre a memória do indivíduo, justo para que os mesmos sejam subordinados a eles. Uma realidade de muitos, pois, tentam manipular as pessoas para que haja mais consumo e essas memórias coletivas são peças fundamentais para reivindicar os nossos direitos perante as lutas sociais.

Nós seres humanos, temos que estar em constante mudança. Buscar se atualizar perante os fatos que estão acontecendo e reivindicar aos líderes por mudanças sociais provocando assim, uma formação melhor aos estudantes para que possam serem mais críticos para os acontecimentos sociais.

No caso da formação docente, ao narrar o passado, vemos surgir uma versão sobre nós mesmos, os encontros e desencontros com a profissão e, ainda, as imagens da docência entranhadas no imaginário coletivo e individual. Encontramos, dessa forma, na investigação e na prática, múltiplas contribuições do aporte (auto) biográfico para a formação docente, que a presente investigação busca focalizar, especialmente quanto à possibilidade de análise dos movimentos por meio da pesquisa-formação (BRAGANÇA, 2012, p. 93).

Noutras palavras, significa buscar, incentivar a descrever as nossas próprias memórias, não somente as dos professores, mas também de qualquer outro indivíduo. Acredito que todos os professores deveriam fazer este mesmo exercício, de contar suas experiências de vida, muitos ficam silenciados para a eternidade, por não terem registrado, mas muitos ficam sendo lembrados por terem registrado os lindos momentos de sua trajetória.

Neste contexto, vale a pena recordar às grandes contribuições da memória. A memória é como se fosse o macro, amplo e a lembrança é como um fragmento, por mais que a memória seja ampla, eu quero lembrar de apenas um detalhe, com isso acabo selecionando a memória por meio da lembrança.

Enfim, cada profissional deveria exercitar a memória e relembrar a sua trajetória educacional para mudar suas metodologias de ensino, assim os alunos podem aprender com mais facilidade, além de proporcionar uma aula bem atrativa para que os mesmos se sintam atraídos. Dessa forma, os professores deveriam rememorar uns com os outros, para compartilhar o que deu certo e mostrar os principais métodos utilizados nos ensinamentos que foram favoráveis, assim com essa troca de experiências cada um poderia refletir e tirar algo de bom para seu método de ensino.

3 AS TESSITURAS DA TRAJETÓRIA DE VIDA: MEMÓRIAS DE UM PROFESSOR

As lembranças da minha infância estão gravadas em minha memória, tão vívidas como se fossem no dia de hoje. Moravam em um casa com nove pessoas, meu pai, minha mãe, minhas quatro irmãs, meus dois irmãos e eu. A casa era de madeira com quatro cômodos, apenas um quarto, família humilde com poucos recursos e apesar das dificuldades eu posso afirmar que entre nós tinha e ainda tem muito amor envolvido. Meus pais sempre nos conduziram em boa disciplina; se preocupando conosco, com nosso crescimento espiritual e todos os domingos eles nos levavam para Igreja.

Cresci como qualquer outra criança, gostava muito de jogar bola, correr, pular, brincar de pira esconde, subir nas árvores e muito mais. Na época do verão não faltava alimento na mesa, íamos para o Rio São Miguel. Esse rio é abençoado já matou a fome de muitas pessoas, inclusive a minha. Na beira do rio fazíamos uma fogueira e assávamos os peixes. Ao escrever eu consigo lembrar o gosto do peixe como era bom.

Esta seção abordará a minha trajetória de vida, meus primeiros passos no âmbito educacional, a tessitura da trajetória de vida familiar, relacionando com a memória de professor, com o intuito de interpretar as memórias que foram significativas, as idas e vindas para as escolas onde lecionei e as contribuições que teve para minha vida.

Para Bragança (2012, p.85) nessa perspectiva é bastante recorrentes as articulações entre a história de vida e a formação docente, por via de narrativa oral ou escrita o sujeito fica frente aos movimentos formativos de sua existência, destaco como processo de formação a infância, os processos de formação profissional, o ingresso à docência, possibilidades que potencializam as relações com o saber e a valorização dos saberes das experiências.

3.1 Infância e processo de formação

As aulas começavam no inverno e na maioria das vezes o dia amanhecia chovendo. Nos dias chuvosos a mamãe colocava em um saco de fardo, “esses que vem com farinha” os nossos uniformes, os cadernos, e os materiais de escrever, em seguida tomava bênção do papai e da mamãe e íamos para a escola de canoa de remo.

Meus primeiros passos no âmbito educacional se deram pelos anos de 1994, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Ayrton Senna da Silva, na zona rural no município de

Muaná, na época tinha 7 anos de idade. Foi nessa escola que aprendi a escrever o meu nome, aprimorar os valores e muitas amizades, amizades essas que tenho até hoje. E no ano de 1998 me dediquei ao máximo em meus estudos, concluir a 4º série.

O aluno Samuel Reis de Souza, estudou na escola Ayrton Senna da Silva, da 1ª série à 4ª série sem repetir série. Foi um aluno de boa conduta. Porque sempre gostei de colocar aos pais e alunos minha forma de ensinar. Para tudo tem limites e hora, nunca gostei de muita brincadeira, mesmo até porque era turma de multisseriado. O método que na época usava era a cartilha do ABC, e tomava a lição individual, quando não acertava ficava de castigo até saber a lição, ou seja, só saía quando acertava. Quando era a tabuada formava dupla, para fazer a lição de tabuada, aquele que errava levava palmatória do seu colega nas mãos (Professora Rita Nascimento, abril, 2019).

A professora dos primeiros anos iniciais foi bondosa ao narrar minha história na turma de multisseriada, mas meu pai disse: “Na escola ele gostava de ficar sempre mexendo com os meninos que de vez em quando chegava uma queixa dele ele mexia com os meninos e jogava pedra nas pessoas eles iam reclamar com a gente” (Pai de Samuel, abril, 2019). Essas são as memórias que ambos têm de minha infância na escola.

Investigando como funcionava na hora de ir para a escola, buscando saber se a gente ia de livre espontânea vontade ou íamos por pressão, meus pais disseram.

A gente forçava um pouco a barra, porque sempre quando a gente é criança a gente faz aquela manhã, a gente forçava para ir para atravessar vocês, pra gente ficar com o casco pra ir trabalhar e vocês não tinham tanta dificuldade para ir para a escola, a gente forçava um pouco, mais vocês também colaboravam de se prepararem com tempo (Pai de Samuel, abril, 2019).

É isso mesmo, não tinha tanta preguiça para se levantarem para irem para a escola se arrumavam tomavam um cafezinho (Mãe de Samuel, abril, 2019).

Quanto as reclamações de comportamento na escola, “olha não tinha tanta reclamação quando tinha era só chegar e apanharem, mesmo assim ele superou todas as dificuldades graças a Deus ele venceu tudo” (Mãe de Samuel, abril, 2019). Naquele tempo a criação dos filhos eram a base da formação escolar, da formação da igreja e todos os comportamentos eram corrigidos com palmadas, os filhos tinham muito respeito aos mais velhos, aos professores e principalmente aos pais.

Os anos se passaram, em 2002 quatro anos depois de ter terminado a 4ª série voltei a estudar. Nossa, até hoje fico sem palavras para explicar a felicidade que senti. Voltar a estudar é voltar a adquirir conhecimentos, é claro que senti dificuldades devido os quatros anos sem

estudar. Contudo, estudar tornou-se um hábito e assim como todo hábito é preciso exercitar todos os dias, no caso dos estudos é preciso dedicação e disciplina.

Depois que terminou a 4ª série por falta de condições nós não tínhamos condições para mandar vocês pra cidade por causa que aqui estudava só até a 4ª série então por isso vocês tiveram de ficar sem estudar [...] depois que chegou esse ensino fundamental maior aí que vocês voltaram a estudar 5º, 6º e 7º série e aí que nós avaliámos que o ensino estava fraco e falamos pra vocês irem pra cidade terminar esse último ano do ensino fundamental, vocês não queriam ir por causa que vocês não foram acostumado longe de nós. Foi obrigado eu prometer uma surra para quem não fosse e aí que vocês foram pra cidade [...] (Pai de Samuel, abril, 2019).

A tão sonhada 8ª série chegou, eu e minha irmã Raimunda e meu irmão José, começamos uma nova temporada de estudos, mas em uma escola chamada João Cândio da Silva Brabo, localizada no Mocajatuba no município de Muaná. Um período de muitas mudanças, adaptações, era a primeira vez que saímos da casa dos nossos pais para morar em outro lugar, e naquele contexto tivemos muitos aprendizados, no entanto o que mais marcou minha memória foi o valor da família, houve noites em que chorei, a saudade da minha família era tanta que não conseguia controlar minhas emoções. “E aí lá eles trabalhavam e estudavam, vinham de rabudo da escola Cândio Brabo final de semana, eles não eram acostumados a ficar lá, vinham embora pra cá que dava umas 10h de viagem todos os finais de semana eles estavam aqui, com nós para matar a saudade” (Mãe de Samuel, abril, 2019).

Em 2007 comecei a estudar o 1º ano do ensino médio, período em que estudei à noite e trabalhava o dia todo, um ano bastante cansativo. Apesar de ter o trabalho muito presente desde a infância, naquele momento, pareceu-me mais intenso. Já no ano de 2008, estava cursando o 2º ano do ensino médio, esse foi o ano das mudanças eu e meus irmãos começamos a morar sozinhos. Depois de muita conversa o papai e a mamãe permitiram que nós alugássemos uma casa.

O ano de muita expectativa chegou em 2009, aos 22 anos de idade, estava eu concluindo o ensino médio, uma caminhada marcada de muita dedicação, participação e muita felicidade, finalmente estava cursando o último ano do ensino médio. Devido à greve dos professores o ano letivo terminou em 2010, lembro-me da alegria de papai e mamãe por terem seus três filhos concluindo ao mesmo tempo o ensino médio, o encerramento de um ciclo. Valeu a pena, cada lágrima derramada pelas saudades que sentíamos da família.

3.2 Ingresso na docência, um convite

Figura 1: Professor



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Eu nunca tinha imaginado entrar na docência, quando nas últimas semanas de aula do Ensino Médio, estando em casa de repente minha tia chegou e me convidou para trabalhar numa escola como docente. Ela me estimulava para aceitar, dizia que ia ser bom para a minha carreira profissional, que iríamos trabalhar em conjunto um ajudando o outro.

Então é assim, eu ia numa viagem, e o Lélcio falou que estava precisando de um professor para ir para barata pra Dom Pedro II, então eu lembrei que você [Samuel] estava terminando o Ensino Médio, também soube que o senhor estava com a esposa grávida, e aí então o que eu pensei é uma ajuda para ele, então foi esse motivo que mais me levou [...] porque a gente que é pobre, a gente sabe a dificuldade que nós passamos, muitas vezes queremos dá para os nossos filhos, aquilo que nós não tivemos e se a gente ver uma oportunidade que possa ajudar, seja para o meu filho ou não, eu faço isso (Tia Leila, abril, 2019).

Então, aceite o convite. Pensei que iria ser só aceitar, mas teve de me apresentar na Semec (Secretaria Municipal de Educação) que me propuseram à um teste, planos de aulas e

dois dias para dar uma aula para eles. Isso fez com que estudasse muito, retornei na data marcada e chegando no local como não tinha dado nenhuma aula, fiquei sabendo que tinha mais cinco pessoas concorrendo a mesma vaga, fiquei um pouco nervoso quando entrei na sala estava cinco mulheres para participar da minha aula, peguei os papeis e comecei o teste, expliquei o que estava no papel e no final elas aplaudiram.

Em seguida perguntei: O que vocês acharam do teste, eu passei? Elas responderam quando todos fizerem o teste aí sim damos uma resposta mais concreta, mandaram que fosse embora e voltasse no dia seguinte. No dia seguinte a notícia de que havia passado no teste. Minha tia me ajudou muito, pois, era um iniciante com muitas dificuldades e sempre, me orientava devido sua idade mais avançada e suas experiências, o que facilitava seus ensinamentos.

Essas experiências fazem parte da minha história de vida, na próxima seção tratarei dos desafios da profissão, ser professor, buscando também mostrar o processo de formação acadêmica.

3.3 Processo de formação profissional: em busca do saber

O ingresso no curso de pedagogia da Universidade Federal do Pará se deu de uma necessidade; de ser qualificar para o mercado educacional e ensinar alunos em escola multisseriado tendo em vista a alfabetização das crianças. No entanto, no decorrer de todo esse processo de seleção, foram diversas tentativas sem sucesso, mas não desisti, impulsionado pelo desejo em cursar uma graduação.

Em 2015 enquanto lecionava na Escola Tenente Turiano Silva (anexo IV), recebi a notícia que havia sido selecionado pelo PARFOR (Plano Nacional de Professores da Educação Básica). Foi um momento de tamanha alegria para mim e meus familiares. Um sonho para muitos brasileiros/as, isso para mim já se tornava realidade e me alegrava. Mas mesmo assim depois de tanta alegria passou alguns meses fiquei triste novamente por motivo das aulas não começarem no ano da contemplação, pois as verbas para o pagamento das bolsas, dos professores que iriam nos ensinar tinha sido cortada, mas logo no ano seguinte, foi possível começamos o estudo em 04 de janeiro de 2016, sabe com aquele frio na barriga de estar dentro do Polo Universitário UAB de Muaná.

Só de pensar que os professores eram mestres, doutores e especialistas e os meus colegas todos também educadores, me sentia aflito. Mas enfrentei todos esses desafios com bastante empenho e entusiasmo. Os laços afetivos com a turma, a cada semana estudada era motivo de ir na igreja agradecer a Deus por ter tido bons resultados, e tenho certeza que foi a melhor oportunidade que apareceu em toda a minha vida, pois não vejo como desperdiça-las, a cada momento para mim é uma superação e isso me faz feliz.

De acordo com Nóvoa (1992, p.13) em Formação de professores e profissão docente:

A formação deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autônomo e que facilite as dinâmicas de auto-formação participada. Estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projetos próprios, com vista à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional.

A profissão de professores exige formação, cabe cada um ir em busca de informação. Isso se torna possível dentro da universidade, pois o mundo está em constantes transformações e nós precisamos acompanhá-las devido nossa clientela está incluída nessas evoluções. O educador é o formador desses indivíduos juntamente com seus familiares, mas para que essa formação de fato aconteça é necessário que o/a professor/a busque se profissionalizar na área cada vez mais.

Para acompanhar essa evolução o/a professor/a precisa estar em formação. Não é uma tarefa fácil. Enfrentamos inúmeros desafios de todas as ordens, é compensador devido ao âmbito educacional oferecer um vasto conhecimento científico, aprender, conhecer, pesquisar é uma grande satisfação, e a educação só tem a ganhar, a educação transforma vidas. Por um lado, o mesmo, se desenvolve, amplia os conhecimentos e aprendizagens na sua formação profissional devido estar participando em encontros educacionais e ter diretamente o acompanhamento dos professores dentro do espaço universitário.

Algumas vezes precisamos abrir mão de muitas coisas como por exemplo, ficar sem férias por quatro anos ao longo da formação, deixar seus familiares e dispor de seu próprio recursos para estar em constante mudança no processo de ensino e aprendizado. Tudo isso, para ir em busca de qualificação profissional, para fazer a diferença na sociedade e expandindo a democratização, onde todos possam participar de forma prazerosa e dinâmica.

Práticas de formação contínua organizadas em torno dos professores individuais podem ser úteis para a aquisição de conhecimentos e de técnicas, mas favorecem o

isolamento e reforçam uma imagem dos professores como transmissores de um saber produzido no exterior da profissão. Práticas de formação que tomem como referência as dimensões colectivas contribuem para a emancipação profissional e para a consolidação de uma profissão que é autônoma na produção dos seus saberes e dos seus valores (NÓVOA, 1992, p. 15, grifos do autor).

A formação em Pedagogia particularmente, foi um momento muito importante. Tive o prazer de vivenciar cada instante, as preocupações por muitas disciplinas devido cada uma ter professores e professoras diferentes e com metodologias diferenciada. Isso implicava porque quando a gente já estava se acostumando com um, logo acabava em seguida já era outro, mas tudo veio contribuir em meu conhecimento tanto profissional quanto mental e ter uma visão do mundo diferente devido antes me conformar só com pesquisas nos livros, e passava despercebido no meio tecnológico. Agora, vejo esse outro vasto mundo de recursos como ferramentas para o âmbito educacional, pode proporcionar uma melhor interação dentro de uma escola.

O educador não é o dono do saber sim, um facilitador em uma sala de aula. Essas recordações vão ficar guardada para o longo de minha vida, as amizades e brincadeiras construídas dentro do Polo Universitário e todos seguindo o mesmo rumo de chegar ao final do curso, um dando força ao outro, ambos se ajudando para que a construção do conhecimento abrangesse a turma.

Nossa profissão requer conhecimento, informações. Portanto, devemos caminhar com a teoria e a prática juntas, porque uma sem a outra, ambas se tornam insignificante e nós professores precisamos utiliza-las para tornar nossas aulas mais atrativas.

Quanto aos estágios, propuseram um bom desempenho na minha prática, abriu um leque de conhecimento sobre a coordenação pedagógica e poder ver verdadeiramente o seu real papel dentro da escola, que o coordenador pedagógico tem a função de estar junto aos professores, auxiliando, orientando o trabalho dos educadores e formulando projetos para ser aplicado na escola.

Já no estágio referente a gestão pude observar que o trabalho do diretor é mais a parte administrativa da escola, ele precisa ter uma boa relação com todos os funcionários e dividir as tarefas para que não venha acarretar todo trabalho. Na escola que estagiei, conversei com o diretor pessoalmente, observei a realidade de como é ser gestor, aprendi que o mesmo tem de trabalhar em parceria com toda a comunidade escolar, para que se tenha uma boa administração. Desse modo estagiar é um benefício ímpar que o educador em formação em pedagogia tem de

enfrentar. O mesmo vai dar suporte e contribuir, quando chegarmos a exercer essa função teremos o conhecimento necessário para administrar determinada escola.

No estágio também tive a oportunidade de ir a campo na Escola Genésio dos Santos Martins, na cidade de Muaná. Pude vivenciar mais uma experiência para enriquecer minha graduação. Nesse percurso observei uma nova metodologia de ensinar as crianças com a sala bastante colorida, e muitos outros tipos de cartazes para transformar em um espaço alfabetizador, lúdico para as crianças.

Nesse sentido, o professor passa por vários testes de formação, buscando cada vez mais uma melhora no seu desenvolvimento profissional e isso só acontece por meio de muita leitura e pesquisa. Porém, o estágio proporciona muitos desses recursos de qualificação, para visualizar, ter contato com a realidade, como na prática funciona uma escola.

Antes de ter a oportunidade de frequentar, participar de uma universidade, encontrei pelos caminhos muitas dúvidas. A universidade veio contribuir porque a mesma oferece bons recursos didáticos para nós recorrermos, agora tenho um ponto de vista diferenciado, porque já não sou aquela mesma pessoa que tinha um pensamento limitado no passado. Na vida acadêmica pude ampliar esses tipos de conhecimentos que antes não tive a oportunidade de vivenciar, experiências que ficaram gravadas em minha memória, marcadas na história de vida.

Lembro-me da disciplina do professor Waldir Abreu que se tratava de ludicidade, essa veio a contribuir significativamente, pois não tinha uma interação na parte lúdica na sala de aula, mas por participar do PARFOR este programa fez com que mudasse os meus métodos de ensino na sala de aula. Já o Estágio Supervisionado II com o Prof. Genylton Rocha me proporcionou o aprimoramento dos planos de aulas que na época eu não era bom na elaboração, agora já se torna mais fácil, aprendi a formular de maneira que se tornou mais comum em se fazer esse ato.

Contudo, todas as disciplinas foram importantes no meu aprendizado, graças a elas posso ver o mundo de forma deferente e poder fazer a leitura de como eu era ante, e ver como mudei tanto nos meus métodos de ensino, quanto a minha forma de pensar.

4 OS DESAFIOS DA PROFISSÃO: SER PROFESSOR

Ser professor não é simplesmente estar dentro de uma sala de aula para ganhar seu salário, mas sim ter amor a profissão, trabalhar em prol da sociedade e não somente pensando em si próprio, mas ajudando os estudantes a terem oportunidades no futuro tornando-se indivíduos críticos e questionadores de sua própria realidade.

O educador precisa ser criativo e pesquisador para repassar bons conteúdos aos seus educandos e acima de tudo proporcionar diferentes metodologias de trabalho, considerando que seus alunos e alunas são de diversas realidades, com saberes culturais e localidades distantes uma das outras.

O docente pode e deve ser um dos principais transformador da realidade, porém para que consiga atingir seus principais objetivos é necessário ser compreensivo, carinhoso, bondoso, amigo e parceiro dos educandos. Assim, os alunos vão se sentir valorizados e estimulados a ponto de realizar todas as suas tarefas escolares. Porém para acontecer, o professor tem de ser comprometido com a educação, além de outros fatores que contribui para a tão sonhada educação de qualidade, investimentos financeiros, uma boa estrutura física dos prédios escolares, merenda, dentre outros elementos que contribuem com o processo de formação, de ensino.

Por um lado, os professores são olhados com desconfiança, acusados de serem profissionais medíocres e de terem uma formação deficiente; por outro lado, são bombardeados com uma retórica cada vez mais abundante que os considera elementos essenciais para a melhoria da qualidade do ensino e para o progresso social e cultural (NÓVOA, 1999, p.14).

Vejamos como somos vistos por muitos dos poderosos, como pobres e pequenos sonhadores e também com deficiência na formação, por que os mesmos pensam assim? Será que porque eles se acham melhores que nós, ou não querem respeitar a nossa classe, pois todos os indivíduos perpassam por esses profissionais. Além de lidar com pessoas que pensam dessa maneira temos de conviver no dia a dia com a violência enfrentada dentro da sala de aula. Nos dias atuais é comum ver nos noticiários alunos agredindo os professores.

Ser educador é propiciar ou facilitar o conhecimento, acima de tudo é ser paciente para com seus alunos, e compreender a realidade de cada indivíduo. Utilizar o conhecimento do estudante como ferramenta de seu trabalho, para que o aluno faça parte e participe dos recursos

didático do professor. Pois, o docente democrático, busca incluir os alunos nas atividades escolares promovendo a interação dos educandos no ambiente escolar e não escolar.

Nesse sentido, o professor é visto como espelho pelos alunos, que muitas das vezes os estudantes depositam sua confiança diretamente no professor aponto de se abrir para uma conversa que o mesmo não tem coragem de falar para seus pais. Nessa perspectiva, há diferente tipos de docente com qualidades distintas, uma das outras, de os outros que tentam ser companheiro do educando para multiplicar seus conhecimentos e tornando-se alunos críticos para combater as desigualdades sociais de nossa sociedade.

Hoje no Brasil, vivemos em meio a tantas dificuldades que envolve a profissão do professor, por causa de múltiplas desigualdades existentes em várias regiões do país. Uma diversidade brasileira característica de cada região, no Marajó formado por ilhas, temos muitas escolas distantes, seus deslocamentos necessitam tanto do transporte aquático quanto terrestre, por exemplo, já utilizei no decorrer de toda a minha trajetória os dois tipos de transportes. Isso é uma realidade, já aquele professor que reside no Nordeste muitos deles precisam se locomover de moto, carros e outros meios de transportes. Ambas as realidades citadas são permeadas de inúmeras dificuldades, ligadas as instituições escolares. Sendo que, em muitas localidades não apresentam as condições necessárias para o professor desenvolver uma boa aula, de alfabetização e de aprendizagem.

Ser professor no Brasil, é arregaçar as mangas e ir à luta. Em algumas situações, o educador já vai para sala de aula com medo até mesmo dos alunos, por motivo da violência em sala de aula, as vezes os professores são alvos dos próprios alunos.

Nosso país sofre com esse tipo de violência dentro da escola, sem contar que o salário do professor, é uma migalha perto de muitas outras profissões existentes, pois o salário do professor deveria ser melhor até porque todos os seres humanos que se formam em outra profissão perpassam pelo professor. Ou seja, aprendem os conteúdos da grade curricular de ensino, para ter uma boa formação e entrar no mercado de trabalho. Contudo, a vocação de ser professor é uma missão árdua, que depende de cada profissional fazer o seu melhor dentro da escola ou da sociedade.

4.1 Desafios enfrentados na profissão

Sou temporário na presente profissão. No ano de 2015 fui transferido para uma escola, chamada Tenente Turiano Silva (anexo IV), na fazenda dos anjos que tem uma distância bastante significativa no final do Rio Atué do município de Muaná. Eram umas onzes horas de viagem da cidade à escola.

Os percursos no barco da linha duravam cerca de oito horas, e da casa dos meus pais (no período do verão) tínhamos que utilizar uma rabeta para chegar ao São João, que fica a uma hora de rabudo², depois a viagem seguia por terra com o trajeto de quatro horas para chegar na escola.

Figura 2: Empurrando a rabeta a caminho da escola



Fonte: Acervo pessoal do autor.

A figura acima demonstra, como era o período da mudança de clima num ambiente muito difícil de se locomover em uma embarcação, para chegar no horário normal e ter um bom

² Rabudo é o motor que fica centralizado atrás da rabeta.

aproveitamento dentro da sala de aula, simplesmente chegava no destino cansado e suado para trabalhar.

Quando fui pela primeira vez, me perguntei: Meu Deus o que estou fazendo aqui? Mas quando cheguei, foi recebido por todas as famílias, que me apoiaram muito.

Me lembro dos períodos da mudança de clima de quando não dava mais para ir de ³rabeta, aí que tempo sofrido, nós andávamos entre lamas e espinhos só mesmo a precisão fazia isso, a carga era grande só para duas pessoas carregarem se tornava muito pesado, mas era isso mesmo, assim que funcionava todo o período do verão e todo o final de semana a gente voltava para a casa dos meus pais, por motivo da saudade e também de ir na igreja nos dias de domingo agradecer a Deus pela semana superada (Samuel, abril, 2019).

Figura 3: Desafios enfrentados pelo professor, da sala de aula à merenda escolar



Fonte: Acervo pessoal do autor.

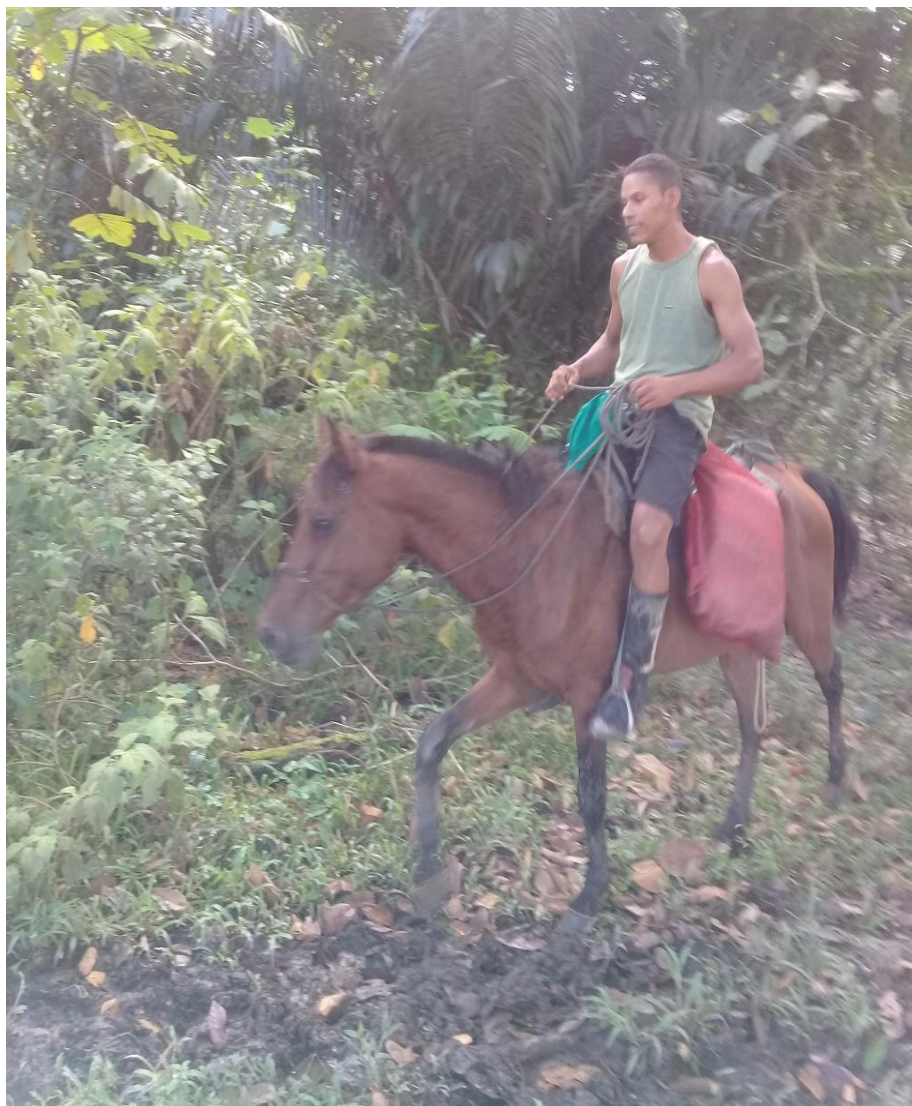
³ Pequeno motor de propulsão, acoplado na traseira de pequenas embarcações ou barcos, é conduzido manualmente, com a ajuda de um bastão que determina as direções.

Nas viagens por terra usávamos o paneiro e por motivo da minha esposa ser a auxiliar de apoio da escola só sobrava para nós a carga. Cheguei a carregar o botijão de gás para facilitar o preparo da merenda, como representado na imagem acima.

A merenda no período do verão, muitas das vezes ficariam na casa do meus pais, era muito trabalho e não dava conta de realizar todas as tarefas, as dificuldades eram tantas, além de não ter o apoio no transporte da merenda. Só pelo fato de minha esposa ser a servente, muitos pensavam que era responsabilidade dela solucionar a falta da merenda escolar.

Foram muitos desafios enfrentados de todas as ordens, mas superamos muitos também, tinha momentos que era até divertido, como andar de bois e cavalos.

Figura 4: Idas e vindas de um professor



Fonte: Acervo pessoal do autor.

“Lembro-me que foram dois anos andando de boi e cavalo, já não era eu que carregava a carga, mas sim o boi ou o cavalo que carregava para mim! O senhor João que era na casa dele que eu morava sedia os animais para mim e para minha mulher” (Samuel, abril, 2019).

Isso para mim era uma diversão, chegava dia que nós viajávamos de noite por causa do sol muito forte e a maior parte era campo, esse percurso sempre se dava nos dias de domingo devido a celebração do culto na igreja e as quatro horas saíamos de rabeta da casa de meus pais, chegava no São João pegávamos os animais e íamos embora as nove horas, chegávamos na casa do seu João muitas das vezes eles já estavam preocupados por nossa demora.

Nesse mesmo ano foram muitas dificuldades, fiquei bastante doente, por motivo da água ser só do poço e muitas das vezes o poço secava. Mesmo seco, tínhamos que beber aquela água suja, necessidades que os professores passam em muitas regiões brasileiras. Com a saúde comprometida, não pude terminar o ano letivo, e para que os alunos não ficassem parados fui substituído por outro professor, que lecionou por dois meses para terminar o ano.

Foram quatros anos longos de muitos trabalhos, mas o bom disso tudo, foi ver meus alunos lendo, inclusive tinha uns que já conseguiam escrever bilhetes para seus pais. Quando cheguei lá nenhum dos meus alunos sabiam ler e escrever. Tivemos muitas dificuldades mais juntos buscamos superar e foram muitos momentos de empenho tanto da minha parte quanto da parte dos estudantes.

4.2 Surgimento de novas oportunidades

Então surgiu a oportunidade de lecionar na escola José Belo, que fica a margem do Rio Atua com a distância de 1h de viagem de rabeta até a casa de meus pais onde resido, todos os dias letivo tenho de fazer esse percurso diariamente. Ressalto que nessa profissão nunca tive a chance de trabalhar perto de casa, porém a distância menor foi essa, mas mesmo assim, não fico chateado, desejo que sempre tenha trabalho na educação, pois, nesse percurso encontrei pessoas maravilhosas, como os meus alunos que foram excelentes e continuam sendo.

No ano de 2017 iniciei trabalhando com a turma do 3º ano. Em agosto deste mesmo ano por motivo da coordenadora entrar de licença maternidade, foi nomeado coordenador da mesma escola, onde fiquei com 100h de coordenação e 120h em sala de aula, e digo isso não é tarefa fácil, mas para quem se dispõem a esse serviço de certo tiveram momentos de muito sufoco, que todos eles foram superados.

Em 2018 tive a honra de trabalhar só com o 3º ano do Ensino Fundamental menor que foi muito bom. Os alunos eram maravilhosos, os alunos da tarde que eram do 6º ao 9º ano também trabalhei com eles com a disciplina de Arte e fizemos muitas coisas juntos, foi uma experiência marcante.

Já em 2019, fui lotado com 100h na mesma escola, só no 3º ano do ensino fundamental menor, aí que maravilha! Encontrei novos alunos com mentalidade ótima, não que os demais fosse ruins de estudo, me refiro em apresentar esforço e dedicação, já que eu tinha de ter tempo para o meu memorial, essa turma foi o suficiente para trabalhar e desenvolver o meu memorial, estou gostando muito de participar tanto dessa turma como em escrever as memórias significativas da minha história de vida.

Por fim, estou encerrando esta terceira seção com uma visão de que o professor é uma das peças fundamentais para a transformação da realidade, o mesmo atravessa muitas dificuldades no decorrer da formação e da docência, além de conviver com a desvalorização da profissão. Novamente afirmo que ser professor no Brasil, é arregaçar as mangas e ir à luta. Para que haja um reconhecimento na classe dos professores, onde possamos exercer a profissão com amor e ter uma vida digna, superando os desafios enfrentados e almejando a tão sonhada educação de qualidade e pública para todos.

5 CONCLUSÃO

Neste momento, reafirmo a minha intenção no presente trabalho, fruto de um memorial, tendo em vista a história de vida de um professor em formação, configurando assim, em um retorno ao passado através das memórias vividas e sentidas da infância, do processo de formação, da docência que constituíram o *professor*. Tendo como objetivo fazer um estudo da trajetória de vida interpretar as memórias que foram relevantes no processo de formação.

A história de vida, ajudou-me a refletir sobre a profissão em questão, ser professor, revelando a desvalorização, acompanhada com grandes dificuldades que acontecem no dia a dia, nas idas e voltas na escola. Com este estudo pude retornar ao passado, revisitar as minhas memórias e lembranças que foram importantes na minha trajetória de vida. Por isso, vejo que todo o professor deveria revisitar seu passado e escrever suas memórias, suas histórias de vida, fazendo uma reflexão das narrativas, refletindo suas histórias e práticas de ensino na educação.

Como em trechos anteriores, ser professor não é simplesmente estar dentro da sala de aula, pensando apenas em ganhar seu salário, mas sim ter amor à profissão, trabalhar em prol da sociedade, ajudando os estudantes a terem oportunidades no futuro, tornando-se indivíduos críticos e questionadores de sua própria realidade, enriquecendo seus conhecimentos no processo de ensino e aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. **Histórias de vida e formação de professores:** diálogos entre Brasil e Portugal. EdUERJ, Rio de Janeiro, 2012, 314 p.

CANDAU, Joel. **A memória e o princípio de perda.** Diálogos (Maringá. Online), v.16, n. 3, p. 843-872, set-dez.2012. Disponível em: <<https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-01756544/document>> . Acesso em: 22 abr. 2019.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Tradução: Bernardo Leitão [et al]. Campinas, São Paulo, editora da UNICAMP, 1990. 476 p. (Coleção Repertório)

NASCIMENTO, Cláudia Regina Antunes do. **Programa Ética e Cidadania:** construindo valores na escola e na sociedade – um estudo de caso. Monografia do Curso de Bacharel em Serviço Social da Universidade de Brasília – UnB, Brasília, 2008. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/671/3/2008_ClaudiaRAdoNascimento.pdf> Acesso em: agosto, 2019.

NÓVOA, António. **Formação de professores e profissão docente.** Lisboa. Dom Quixote, 1992, ISBN: 972-20-1008-5.

NÓVOA, António. **Os professores na virada do milênio:** do excesso dos discursos à pobreza das práticas. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 25, nº 1, p. 11-20, jan./jun., 1999.

SOUZA, Mariana Jantsch. **A memória como matéria prima para uma identidade:** apontamento teóricos acerca das noções de memória e identidade. Revista Graphos, vol. 16, nº 1, 2014, UFPB/PPGL, ISSN 1516-15361.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Memorial.** In: Metodologia do trabalho científico. 20ª Ed. São Paulo, Cortez, 1997. Disponível em: <http://educação.Uniso.br/pseletivo/downloads/MEMORIAL_Doutorado.pdf> Acesso em: agosto. 2019.